

**18/6/1985**

**O protesto na Transamazônica**

Os canavieiros e funcionários da usina de açúcar Abraham Lincoln, na Transamazônica que desde o domingo interditam a estrada, à altura do quilômetro 91, no trecho entre Altamira e Itaituba, fecharão hoje todos os órgãos públicos e bancos que funcionam na Vila Pacal. Com máquinas e fardos de cana-de-açúcar, eles interditarão as agências do Banco do Brasil, Bradesco, Colbal, Emater, Ceplag e Embrapa. Os canavieiros protestam contra o abandono do projeto agroindustrial e canavieiro Abraham Lincoln (Pacal), implantado pelo governo federal em 1974 e que pretendia formar a primeira classe média rural da Transamazônica, mas a usina, que a preços de hoje custaria Cr\$ 120 bilhões, está abandonada desde 1983 e os plantadores já perderam três safras de cana.

Ontem os manifestantes — cerca de 250 — consolidaram a interdição da Transamazônica, colocando mais máquinas sobre a ponte do quilômetro 91 (conhecida como Ponte da União desde maio de 1983, quando eles interditaram pela primeira vez a estrada e foram retirados à força pela Polícia, inclusive com espancamento do bispo de Altamira, dom Erwin Klauter, que estava com eles). Em outubro do ano passado ocorreu o segundo protesto, com a interdição, por mais de um mês, das mesmas agências que voltarão a ser fechadas a partir de hoje. Os manifestantes não afastam a possibilidade de seguirem para Brasília.

"No Pacal, reforma agrária de 10 anos. Hoje homens sem terra sem opção de trabalho" — diz uma das faixas estendidas pelos manifestantes na Transamazônica. Ela reflete a posição dos produtores da região, não apenas os de cana-de-açúcar como de várias outras culturas e criadores de gado como afirmou o presidente da Associação dos Fornecedores de Cana-de-açúcar Transamazônica (Asfort), Francisco Aguiar Silveira, não adianta agora o governo falar em reforma agrária "se a que realizou aqui está completamente abandonada".

E o abandono da rodovia Transamazônica é o principal sintoma dessa situação. Este ano a estrada esteve interditada quase o tempo todo, com lamaçais de vários quilômetros de extensão. Grande parte da produção permanece estocada ou nem sequer foi colhida. "Como escoar se a gente tem que andar até 100 quilômetros, porque nem burro passa", pergunta um dos produtores. Genebaldo Oliveira. Segundo ele, muita gente está morrendo no meio do mato porque "não há como chegar a assistência médica".

Num protesto divulgado ontem, os manifestantes afirmam que a Transamazônica, "a grande rodovia da esperança, hoje é problema nacional, ameaçada até mesmo de desaparecer, com milhares de famílias trazidas pelo governo sofrendo privações de toda ordem — sem estrada, saúde nem estudo para seus filhos".

"Nós do Pacal — diz o manifesto — em três anos de luta não conseguimos nossos direitos. Esses desmandos todos foram consequência de um regime autoritário e incompetente, onde imperou a corrupção com participação ou proteção das autoridades (...). Medidas urgentes, sérias e definitivas devem ser adotadas pelo governo da Nova República para solução do problema do Pacal e do problema típico da colonização da Transamazônica".

**(Página 2)**